

Escrever, também, passou a incorporar, para os de pouca "identidade" ideográfica, estereótipos como: "isto é coisa de velho", "de que não tem o que fazer", etc, inadimplindo frontalmente a cadeia de comunicação (emissor, código, receptor; mensagem, etc.).

Alguns desdobramentos

Se o gosto pela escrita é coisa rara, enfadonha, isto deve-se primeiro à Família, a qual, na maioria das circunstâncias, julga-se incompetente para dar apoio ao incipiente escritor, e a escola termina sendo o desaguadouro deste pingue-pongue desairoso, e dela é cobrado, com veemência, eficiência e cumprimento dos seus postulados básicos: ensinar a ler e a escrever, nem sempre correspondendo ao que dela (escola) se espera - uma falha cultural. E institucional.

Escrever tem sido uma pedra no sapato para muita gente, porque quem não gosta de escrever é porque nunca "aprendeu" a escrever, nunca cultivou o hábito. Tornou-se um escrevinhador, um escriba às avessas, um escriturador, relegando a escrita a algo sem proveito, para encher tempo. Para "escritores" assim, escrever sempre será um tédio, tido como uma imposição que transcende a sua capacidade (que absurdo!). Escrever, visto por essa ótica estreita e negligente, jamais será encarado como uma releitura de uma realidade (fantasiosa ou não) de analisar, de recriar e possibilitar descobertas.

Escrever é uma questão de vida, de sobrevivência.

Sem a escrita não há desenvolvimento.

II - A RECORRÊNCIA DO NATURALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA

Por: Sonia Maria Gomes Sampaio
Professora do Curso de Letras/UNIR

Entre o final do Século XVIII e início do XIX o mundo passava por grandes transformações como o desenvolvimento da ciência com sua forma biológica da evolução e da ligação do homem à natureza, as reformas políticas e a literatura que agora revela as novas tendências realistas com Stendhal e Flaubert entre outros, a teoria de Taine sobre o ambientalismo na interpretação das origens da arte. Estava assim criado o clima para a nova tendência literária: O Naturalismo, que traz consigo uma visão científica e social do homem em relação como o meio e com a herança.

O naturalismo e seus autores são abordados por vezes de diferentes maneiras pelos críticos literários e também são objetos de estudo de outros, como é o caso de "Tal Brasil, Qual Romance?", onde Flora Sussekind faz um estudo sobre a recorrência do Naturalismo na literatura brasileira.

Partindo do nome do livro de Flora Sussekind; "Tal Brasil, Qual Romance?", poderíamos indagar e por que não Tal Brasil, Tal Romance? A resposta então seria também uma pergunta: É só um Brasil? É só um tipo de romance? Não. O título do livro de Flora Sussekind já deixa perceber que o Naturalismo não será somente marcado pela semelhança, continuidade e repetição consistindo assim na busca da identidade

O Naturalismo de trinta traz como modelo romanesco o romance ciclo e isso acontece para evitar que alguns romances se tornem muito extensos e porque as transformações neles narradas não se deram da noite para o dia, mas durante um período longo de duração e, por isso, a representação da ficção se dá em vários volumes.

O Naturalismo de Setenta (1970), chamado, assim como o de trinta (1930), de Neonaturalismo, vem agora marcado pelas ciências da comunicação; mais do que tudo, em alguns casos, haverá agora a valorização do factual e não do ficcional, do dado pronto, das evidências dentro do romance que é agora denominado de romance reportagem, esse que obedece aos princípios jornalísticos da novidade, clareza, contenção e desficcionalização. O trabalho do romancista, assim como o do repórter, parece que é o de apenas recolher dados e descrever os fatos e não ficcionalizá-los. O herói é agora não mais o médico ou o capitão de indústria, mas o repórter que vem como mensageiro da verdade.

Assim como nos romances naturalistas do final do Século XIX, como nos de trinta, o romance naturalista de setenta também busca uma unidade através da informação para ocultar o momento de repressão política vivido pelo país, ou seja, ocultar a fratura.

O romance reportagem de setenta com seu herói, o repórter sabe tudo, vem compensar simbolicamente a falta de acesso do leitor à informação e que muitas vezes nem mesmo os autores repórteres conseguem.

Os romances "O Crime Antes da Festa", de Aguinaldo Silva, e "Acusado de Homicídio", de José Louzeiro, que heroizam o repórter, são contrariados por romances como "Quatro Olhos", de Renato Pompeu, e "Zero", de Inácio de Loyola Brandão, que rompem com essa confiança irrestrita na linguagem jornalística e trabalham com o fragmento, quando Loyola ridiculariza e critica a heroização.

O Naturalismo aparece na literatura brasileira com um incrível poder de se transvestir, ou seja, aparece em primeiro lugar na virada do século, com o acesso clínico e seu herói médico; em seguida se volta para as ciências sociais e seus laços de propriedade e de classe e, por último, em setenta, reaparece com a ciência da comunicação trazendo assim o seu herói repórter. De uma forma ou de outra, transvestido ou não, o Naturalismo, como diz Flora Sussekind, "cumpre a dedicada função de restaurar por meios terapêuticos, econômicos ou jornalísticos, fraturas e divisões especialmente flagrantes na sociedade do Brasil".

Então: **Tal Brasil, Qual Romance?**

Tal Naturalismo, Qual Romance?